

Memórias de Estudantes negros na UFMG

Vanda Lúcia Praxedes*
Amanda Franciele da Silva*
Anderson Xavier de Souza**
Viviane Angélica da Silva**
Yone Gonzaga**

RESUMO Esta pesquisa buscou desvendar as questões relacionadas à temática étnico-racial, especificamente à condição de negro, inscritos nos percursos acadêmicos de estudantes da UFMG que se auto-identificaram como negros(as). Foram privilegiados os aspectos relativos às experiências, significados, expectativas e possíveis situações de preconceito e discriminação étnico-racial vivenciados ou observados neste percurso. A História Oral foi a metodologia adotada nesse trabalho. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas individuais, na perspectiva da entrevista narrativa, com estudantes regularmente matriculados em diversos cursos de graduação da UFMG, no período de março a setembro de 2006.

Palavras-chave: estudantes negros – universidade – discriminação

ABSTRACT: This study sought to investigate the questions related to the ethnic racial themes, particularly to the Negro condition, registered in the academic way of UFMG's students that identified themselves as Negroes. There were privileged the aspects related to experiences, meaning of, expectations and possible situation of prejudice and ethnic-racial discrimination experienced and observed through their way. The methodology adopted in this study was the Oral History. The data were obtained by means of individual interviews, from the perspective of narrative interview, with students regularly registered in the various graduation courses in UFMG, from the period of March to September 2006.

Keywords: Negro students - university - discrimination.

O trabalho ora apresentado é uma síntese do projeto de pesquisa “*Memórias e Percursos de Gerações de Professores/as e Estudantes Negros/as da UFMG*”¹ Este projeto integra os esforços, iniciativas e movimento empreendidos atualmente por alguns setores da sociedade brasileira, pela ampliação do acesso e permanência da população negra na universidade, em especial, nas universidades públicas.

O Programa Ações Afirmativas na UFMG, sediado na Faculdade de Educação vem realizando ações diversas, voltadas para extensão, a pesquisa e o ensino, abrangendo mais

* Mestre e Doutoranda em História Social da Cultura pela FAFICH/UFMG, Pesquisadora do Programa Ações Afirmativas/FAE/UFMG/Professora FAFIDIA/FEVALE/UEMG.

** Graduanda em História/FAFICH/UFMG; Graduando em Ciências Sociais/FAFICH/UFMG; Graduanda em Psicologia/FAFICH/UFMG; Graduada em Letras/FAEL/UFMG respectivamente.

¹ realizada em 2006 no momento de calorosa discussão sobre políticas de ações afirmativas no país, onde se destacava o problema do acesso e permanência dos afro-descendentes nas universidades.

diretamente as novas gerações de afro-descendentes da universidade. Nesse novo momento de inserção da temática étnico-racial nos espaços e tempos acadêmicos, a pesquisa sobre as memórias e percursos de gerações de negros/as na UFMG, realizada com recursos do UNIAFRO², se apresentou como uma possibilidade de conhecer o que está se passando com esta nova geração de estudantes afro-descendentes atualmente matriculados na Universidade.

Os propósitos da Pesquisa

Considerando o contexto social e histórico de exclusão, discriminação racial e desigualdades de oportunidades da sociedade brasileira, que reflete na sub-representação da população negra nas universidades públicas, sentimos a necessidade de compreender, através dos percursos e das memórias desse grupo minoritário no ensino superior, os processos que influenciaram a sua entrada na universidade e as experiências que acompanharam e acompanham o percurso acadêmico dos estudantes afro-descendentes.

No estudo desses percursos³ interessava-nos conhecer as condições de chegada e a inserção da vida acadêmica, bem como essas experiências marcaram e constituíram estes tempos e espaços percorridos em suas vidas, com seus desafios, dificuldades, angústias, desejos, sonhos e expectativas. Partindo das narrativas de estudantes negros/as, buscamos compreender como a dimensão étnico-racial se apresentava e como ela se articulava a outros aspectos e dimensões de suas vidas, influenciando suas estratégias e o modo de se perceber a si mesmos e aos outros negros no interior da Universidade Federal de Minas Gerais..

Procuramos registrar a experiência vivida, entendendo-a como um dos componentes centrais da constituição do sujeito social. Portanto, as narrativas dos sujeitos constituíram o eixo condutor do trabalho. Procuramos focalizar dois momentos de seus percursos: o que antecedeu a entrada na universidade e o período da vida acadêmica nesta instituição.

No que se refere à entrada como estudantes na UFMG, buscamos conhecer como esta se deu e em quais as circunstâncias, que fatores econômicos, sociais, étnico-raciais, escolares, familiares e pessoais facilitaram ou dificultaram esse ingresso. Em relação ao percurso acadêmico, privilegiamos os aspectos relativos às experiências vividas, aos sentimentos,

² O UNIAFRO é uma iniciativa da Secretaria de Educação Superior do MEC. Trata-se de um Programa de Ações Afirmativas para a população negra nas Instituições Públicas de Ensino Superior, que visa apoiar e incentivar o fortalecimento e a institucionalização das atividades dos Núcleos de Estudos Afro- Brasileiros – NEABs ou grupos correlatos nas Instituições Públicas de Educação Superior, contribuindo para a implementação de políticas de ação afirmativa voltadas para a população negra.

³ Segundo o Dicionário Aurélio, a palavra “*percursu*” de origem latina quer dizer: espaço percorrido, trajeto, movimento, deslocação, itinerário, entre outros.

significados, expectativas, projetos, situações de preconceito e discriminação étnico-racial e frustrações inscritas nesse itinerário.

Reiteramos que a pesquisa não teve qualquer pretensão de esgotar a discussão sobre o acesso e a permanência da população negra na UFMG, como também não se propunha a registrar as histórias de todos ou de parte quantitativamente representativa de sua população de estudantes negros. Nela estão apenas algumas histórias, a título de ilustração e de registro histórico. São histórias particulares e muito singulares, embora algumas circunstâncias e aspectos possam estar presentes em várias delas, tornando-as, neste sentido, similares ou próximas. Qual seja a pesquisa não teve qualquer propósito de representatividade estatística ou amostral.

Mediante esses propósitos, objetivos e questões de pesquisa, optamos por trabalhar com os fundamentos teórico-epistemológicos da História Oral, por considerar esta proposição metodológica mais fértil e a mais apropriada para o nosso objeto de estudo, entre outras razões, pelo fato de nos permitir ouvir as vozes dos sujeitos de pesquisa, em sua melodia polifônica.

Desse modo os sujeitos entrevistados puderam falar de suas histórias e identidades negadas, perdidas, recusadas, como também puderam encontrá-las. Como jovens puderam dizer o que tem marcado suas vidas, seus percursos, distinguindo-os de outras gerações, de outras épocas. Através da entrevista narrativa puderam contar suas histórias, (re)conhecendo-se nelas e por meio delas.

Segundo TEIXEIRA e PÁDUA (2006:47) a entrevista narrativa utilizada no contexto de pesquisa biográfica segue

“o princípio básico de solicitar ao(à) informante que apresente uma narrativa improvisada acerca de um determinado assunto do qual tenha vivenciado, sendo que tarefa do(a) entrevistador(a) é fazer com que o(a) informante conte uma história consistente de todos os eventos relevantes para o tema em questão, do início ao fim”.

TEIXEIRA e PÁDUA (2006:47)

Nesse sentido a entrevista narrativa tem como base uma questão gerativa referente a temática em estudo, cuja finalidade é estimular a produção da narrativa e ainda para concentrar a narrativa em um determinado aspecto relevante e ao período da biografia de interesse da pesquisa.

A opção pela entrevista narrativa e o delineamento da questão geradora

A opção pela utilização da entrevista narrativa aconteceu no processo da pesquisa, como resultado de discussões iniciadas nos primeiros seminários de formação dos bolsistas e culminando nas tentativas de elaboração dos roteiros para a realização das entrevistas.

A discussão teórica a respeito desse instrumento, assim como de outros tipos de entrevista utilizados na tradição da pesquisa qualitativa e da História Oral, havia sido feita nos encontros iniciais de formação com os bolsistas do projeto. Mas apesar da simpatia da equipe por este instrumento de pesquisa, não havia qualquer decisão ou consenso de que privilegiaríamos a utilização de entrevistas narrativas. Porém, no momento da elaboração dos roteiros, achamos que esta ferramenta seria mais adequada para captar as memórias e os percursos de estudantes negros da UFMG.

A primeira questão geradora tinha como foco os objetivos gerais e específicos construídos na fase anterior da pesquisa e foi sendo testada, adaptada e transformada a cada entrevista realizada. Procuramos, dessa forma, a melhor maneira de introduzir o entrevistado aos objetivos da pesquisa, delineando-se a seguinte questão geradora:

Conte-nos como foi o seu percurso antes de entrar na Universidade, os fatores que facilitaram ou dificultaram o seu acesso, seu percurso escolar, sua família, suas vivências, tudo o que julgar importante sobre sua vida e que tenha relação com a sua entrada na UFMG. E, após essa fala, conte-nos suas experiências dentro da UFMG, como um estudante negro/a. fale sobre suas atividades, sentimentos, expectativas e possíveis experiências de preconceito ou discriminação racial que tenha tido notícia ou até mesmo vivenciado.

Como se tratava de um instrumento novo para todos, não descartamos algumas questões “de bolso”, caso não aparecessem espontaneamente nos depoimentos e, mesmo não precisando na maioria das vezes recorrermos a elas, foram importantes para focar bem o tema central da entrevista e as questões da problematização.

A aprendizagem maior se deu neste processo de descobrir um jeito mais adequado de apresentar a questão geradora ao/a entrevistado/a, de modo a deixá-los/as à vontade para construir a sua narrativa. Fomos aprendendo que esta introdução e conversa inicial antes de apresentar a questão geradora era fundamental para o sucesso das narrativas elaboradas pelos/as entrevistados/as.

A escolha dos sujeitos de pesquisa

Estabelecida a metodologia de pesquisa, a opção pela utilização da entrevista narrativa e formulada a questão geradora da narrativa, coube a todos os integrantes da equipe a tarefa de discutir e definir o perfil dos sujeitos da pesquisa.⁴ No entanto, no que se refere ao universo representado pelo estudantes negros da UFMG, uma de nossas preocupações foi direcionar a escolha do sujeitos no intuito de contemplar todas as áreas de conhecimento, uma vez que estava claro para a equipe que este estudo, dado os seus propósitos, seus objetivos e o tempo de execução da pesquisa, não tinha a pretensão de representação estatística, por não ser um estudo de caráter quantitativo. Assim, um dos critérios utilizados para a escolha dos sujeitos foi a busca de representação por cursos, contemplando um sujeito de cada um. Ficando definido o seguinte perfil:

- estudantes de graduação e de pós-graduação, que se auto-definissem como negro/a, da UFMG, sexos masculino e feminino, admitidos na universidade nos anos 1999, de todas as áreas de conhecimento, regularmente matriculados no ano de 2006 e que tivessem disponibilidade para participar da pesquisa.

Das entrevistas realizadas

Tendo em vista a metodologia e o tempo estabelecido para a realização da pesquisa, foram realizadas 20 entrevistas narrativas, individuais, gravadas nos horários e locais indicados pelos(as) entrevistados(as). As entrevistas foram realizadas sempre por uma dupla de pesquisadores(as) compostas pelos(as) bolsistas do Projeto e tiveram em média uma hora e meia de duração.

O conjunto dos 20 estudantes entrevistados(as) apresentaram o seguinte perfil: 14 homens e 8 mulheres, entre 19 e 30 anos, sendo que a média se encontrava em torno dos 26 anos. Do total dos 20 estudantes, 17 frequentavam cursos diurnos e três cursos noturnos.⁵

⁴ Nessa primeira fase, ficou deliberado que trabalharíamos apenas com os estudantes, pela exigüidade de tempo para apresentação do trabalho final.

⁵ Das sete áreas de conhecimento abrangidas, resultou na seguinte distribuição: Engenharia/Tecnologia, três estudantes; Linguística, Letras e Artes, três estudantes; Ciências Biológicas, uma aluna; Ciências da Saúde, quatro estudantes; Ciências Exatas e da Terra, três estudantes; Ciências Sociais e Aplicadas, um aluno; Ciências Humanas, cinco estudantes.

No que se refere à escolaridade, 11 jovens fizeram todo o ensino básico na rede pública, 7 estudaram em escolas públicas e privadas, de forma alternada, e apenas 2 cursaram todo o ensino básico na rede privada. Com relação ao ano de ingresso na UFMG, evidenciou-se uma maior concentração de entradas no ano de 2002 e 2003; respectivamente 6 e 5 estudantes. Os demais estavam distribuídos do seguinte modo: 3 alunos(as) entraram em 2005, 2 em 2004, 1 em 2006, 1 em 2001, 1 em 2000 e 1 em 1999.

Os estudantes e suas vozes: memórias em fragmentos de histórias

Diante das ricas histórias de nossos(as) entrevistados(as)as, várias seriam as considerações analíticas que poderiam ser trazidas a este texto, sendo impossível esgotá-las. Mediante tal impossibilidade, recortamos deste universo apenas alguns relatos elencando alguns aspectos que ressaltaram em algumas entrevistas.

Percursos e vivências anteriores e dentro da UFMG

Foram várias as circunstâncias, origens e motivações que levaram nossos (as) entrevistados(as) a se prestarem vestibular na UFMG, entre eles por ser uma instituição pública de renome; por não poder pagar um curso numa Universidade privada ou por influência dos pais, de irmãos – e de antigos professores. Contudo nem todos entraram no curso que de fato desejavam. Dentre as circunstâncias ou fatores que os levaram a escolher outro curso na UFMG, destacam-se, sobretudo, fatores tais como: querer estudar na UFMG, frustração por diversas tentativas mal sucedidas para o vestibular do curso desejado; opção por um curso de menor concorrência. A este respeito fala de Washington:

“ eu não pensei em fazer Filosofia[...] Eu pensei em cursar Direito. Eu acho que sempre tive vocação para ser advogado. Desde criança pensava nisso, eu sempre tinha o Direito como um referencial. Na verdade eu tentei vestibular três vezes, duas para Direito e a terceira para Filosofia[...] um amigo sugeriu que eu fizesse um curso cuja concorrência fosse menor e que eu pudesse passar” (Washington, aluno do Curso de Filosofia)

Constatamos pelas análises preliminares das outras entrevistas que esta é uma questão recorrente entre os/as entrevistados/as, ou seja, para uma boa parcela dos estudantes não fizeram uma real escolha de curso. Eles/as foram se adaptando às condições que tinham, mais de acordo a realidade que viviam, para ingressar em determinado curso e não no desejado, uma vez que a entrada no ensino superior representava tanto a realização de um sonho, quanto o fato de estarem numa universidade pública de renome o que amplia as chances de entrarem ou concorrerem em melhores condições no mercado de trabalho.

Um segundo aspecto a destacar, presente nas falas de alguns de nossos/as entrevistados/as, diz respeito à dificuldade de conciliar estudo e trabalho:

“ para poder ir para o cursinho tinha o mesmo problema, eu saia do serviço todos os dias, levava meu material, saia do serviço a pé e ia para o Pré-UFMG,⁶ na avenida Amazonas, e voltava a noite andando, do Pré-UFMG para casa no bairro da Serra. [Na Universidade] eu estava no meu primeiro período trabalhando. No segundo período eu já não trabalhei na imobiliária porque eu fui percebendo que isso estava prejudicando meu desenvolvimento na universidade”. (Cláudio, aluno do Curso de Geografia – noturno)

Para muitos/as entrevistados/as só foi possível continuar estudando, fazendo verdadeiros malabarismos para conciliar trabalho e estudo.

“ Quando a gente chegava do trabalho, quando dava para fazer alguns exercícios, fazia; quando não dava, porque estava muito cansado também do dia, ia dormir. Nos finais de semana dava para estudar um pouquinho. E como eu trabalhava de office-boy, fazia entrega de ônibus, estudava, às vezes, dentro do ônibus. Eu levava a apostila dentro da bolsa junto, aí quando eu estava indo para algum lugar distante, dizia: “Ah, vai demorar uns quarenta minutos”, eu fazia uns exercícios. E no final do ano fizemos a matrícula do vestibular. Graças à Deus, nesse ano meu irmão passou e eu também. Ele passou para o segundo semestre e eu para o primeiro”. (Jeanderson, aluno do Curso de Química)

⁶ Associação Pré-UFMG.

“Fiz um curso pré-vestibular, na época eles chamavam baixa renda, juntava a passagem para ir, eu não tinha condição, era muito puxado para mim e eu fui obrigado a abandonar, abandonei o curso e não fiz mais curso pré-vestibular, fiquei estudando por conta própria” (Marcio, aluno do Curso de Matemática).

Nas falas dos/as estudantes aparecem também referências sobre a presença de poucos negros nas universidades públicas, corroborando resultados de pesquisas recentes sobre a questão. Segundo Jeanderson, aluno do Curso de Química *“a maioria da população é negra, que só a minoria insignificante consegue fazer um curso superior em universidades públicas”*.

Além das diversidades socioeconômicas, os/as estudantes apontam entre outras questões uma suposta decadência da escola pública como das possíveis causas para a exclusão do negro do ensino superior. Sendo que algumas dessas escolas sequer discutem com os alunos a possibilidade de eles fazerem vestibular como relata Juliana:

Sempre fui boa aluna, tinha excelentes notas, contudo, só fiquei sabendo de universidade através de colegas, parece que os professores de escola pública não vêem necessidade de falar sobre o assunto porque imaginam que o aluno não vai passar daquela etapa. (Juliana, aluna do Curso de Matemática Computacional).

Para além da questão da escola pública, Washington, aluno do Curso de Filosofia traz também outras questões para a reflexão,

“Eu pensei em cursar Direito, só que minha trajetória na escola pública não me capacitou para um vestibular muito concorrido numa instituição federal de ensino como o da UFMG. Sabemos que a maior parte dos estudantes que faz Direito é oriunda de camadas mais abastadas da sociedade...”

Esta fala nos revela uma outra dimensão fundamental da desigualdade racial, qual seja na UFMG como em outras universidades públicas do país, verifica-se a alta concentração da população universitária negra nos cursos ditos de baixo prestígio e sua ínfima presença nos cursos ditos de alto prestígio e maior rentabilidade no mercado. Esta pesquisa evidenciou que de fato existe na UFMG uma grande seletividade racial no acesso a cursos de elevado prestígio social.

A respeito da percepção de discriminação e racismo na Universidade em particular, observamos que estudantes entrevistados/as apresentaram dificuldades de situá-lo no espaço acadêmico, ou seja, sabem que existe discriminação, mas não conseguem localizá-lo num determinado ponto. Em outras falas o racismo emerge de modo velado e sob a forma de piadas, como revela Cláudio, aluno do Curso de Geografia:

“... eu comecei a perceber que realmente existia uma diferença aqui na Universidade [...] O preconceito a gente escuta muito. Ele faz parte do cotidiano. Em alguns professores ele é velado... e o preconceito dos colegas existe em forma de piadas, existe sim. São piadas em relação tanto a negros como a homossexuais...” (Cláudio, aluno do Curso de Geografia).

“Já sofri muitas situações de discriminação. Quando ia procurar emprego, em sala de aula, como professora e até aqui, na faculdade”.(Juliana Aluna do Curso de Matemática Computacional)

“Então não sei se isso é preconceito ou admiração de verem que eu consegui entrar aqui, com todos os obstáculos que eu tive, eu consegui entrar aqui na universidade. Mas o preconceito que eu noto é esse preconceito que eu creio que todo negro sofre, você anda na rua e vê”. (Marcio Aluno do Curso de Matemática).

No caso de discriminação e preconceito o discurso mais direto encontra-se associado a casos específicos, como por exemplo, nas exigências no mercado de trabalho, em lojas, portarias de prédios ou como no fato de ter passado no vestibular na UFMG, conforme relato do Cláudio,

“O pai de um grande amigo meu começou a falar que eu era o preto de alma branca, porque tinha conseguido passar na Federal. Ele insistia: “Você é um orgulho para sua raça, você está mostrando que tem condições de passar no vestibular”. (Cláudio, Curso de Geografia – noturno)

Pudemos observar a partir da fala dos/as entrevistados/as, que o "tratamento diferenciado" foi em muitos casos entendido como racismo e discriminação. Nesse sentido, cabe observar como o mito da democracia racial vem perdendo fôlego frente à percepção do racismo.

Contudo, observamos que sobre o preconceito e discriminação na universidade grande parte dos/as entrevistados/as tiveram dificuldades de percebê-los no meio universitário, ambiente do qual são integrantes. Por vezes, afirmaram a existência do racismo e discriminação na sociedade e os negavam na universidade. Visto nessa perspectiva a universidade surge como se fosse uma instância fora da sociedade.

Por fim esclarecemos que estas são apenas alguns indicativos das possibilidades de análises das entrevistas, com estudantes negros/as da UFMG, que doravante farão parte do acervo do Programa de História Oral do Centro de Estudos Mineiros da FAFICH/UFMG. Assim sendo esta pesquisa não se esgota aqui. Ao contrário, ela se abre para muitos estudos que podem e devem ser realizados a partir desta documentação, pois sabemos que a temática das relações raciais no Brasil e mais especificamente a inserção da população negra no ensino superior, aponta um longo de estudos e lutas a ser percorrido.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- BRAGA, Mauro M., PEIXOTO, Maria do Carmo L. Censo Socioeconômico e Étnico dos Estudantes de Graduação da UFMG. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 2. ed. Porto alegre: Bookman, 2004.
- LE VEN, Michel; FARIA, Érika de & MOTTA, Miriam Hermeto de Sá. História Oral de Vida: o instante da entrevista. In: SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. *Os desafios contemporâneos da História Oral – 1996*. Campinas: Área de Publicações CMU/UNICAMP, 1997.
- PERELMUTTER, Daisy. *A História Oral e a trama sensível da subjetividade*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade de São Paulo, 1997 (mimeo).
- PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) 2005. Relatório de Desenvolvimento Humano - Racismo, Pobreza e Violência. Brasília: Primeira Página, p.70.
- TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. História Oral e Educação: impregnações e ressonâncias. *Anais do XII ENDIP: Conhecimento local e conhecimento universal*, v.1, Curitiba, 2004. p.153-165.
- _____, PÁDUA, Karla Cunha. Virtualidades e Alcances da Entrevista Narrativa. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA, II, 2006, Salvador. *Anais ...* Salvador: UNEB, 2006. 1 CD-ROM.
- _____, PRAXEDES, Vanda Lúcia, PÁDUA, Karla Cunha et. al. *Memórias e percursos de estudantes negros e negras na UFMG*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2006.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- VILANOVA, Mercedes, “História sin Adjetivos”. In: *Historia y Fuenete Oral*. Publicacions Universitat de Barcelona, No 14, 1995.